

A variação *teu/seu*: um estudo diacrônico e sincrônico

The "teu/seu" variation: a diachronic and synchronic study

Recebido em 08 de maio de 2015. | Aprovado em 15 de junho de 2015.

DOI: <http://dx.doi.org/10.17074/lh.v1i1.178>

Rachel de Oliveira Pereira¹

Resumo: O presente trabalho orienta-se para o estudo da forma possessiva *teu* em oposição à forma *seu*, através de duas perspectivas: na diacronia e na sincronia. Para a análise diacrônica, observa-se a utilização das estratégias possessivas em cartas pessoais de diferentes famílias datadas de 1870 a 1980. No total foram utilizadas 143 cartas para compor o *corpus*, no entanto, com o intuito de fazer uma análise mais confiável, tais cartas foram divididas em torno de 10 cartas por década. Na análise sincrônica, observou-se a variação entre as formas possessivas através de esquetes do canal "Porta dos Fundos". Desta maneira, busca-se descrever a utilização dessas formas, observando seus usos de acordo com a situação comunicativa estabelecida, através dos padrões discutidos pela teoria do Poder e Solidariedade (BROWN; GILMAN, 1960). O estudo também leva em conta os pressupostos teóricos da teoria variacionista quantitativa laboviana (LABOV, 1994), visando identificar os fatores linguísticos e extralinguísticos que determinam o uso dos pronomes possessivos referentes à segunda pessoa do singular. Em síntese, este estudo preliminar aponta que as formas possessivas tendem a acompanhar o comportamento do sujeito na diacronia e que o possessivo *seu*, aparentemente, possui um comportamento polifuncional.

Palavras-chave: pronomes possessivos; variação; diacronia; sincronia; *teu/seu*.

Abstract: The current work is oriented towards the study of the possessive form "teu" in opposition to the form "seu", through two viewpoints: in diachrony and in synchrony. Regarding the diachronic analysis, the use of possessive strategies is observed in personal letters from different families dated from 1870 to 1980. In total, 143 letters were used to compose the *corpus*, however, to conduct a more reliable analysis, the letters were divided into 10 letters per decade. Regarding the synchronic analysis, the variation between possessive forms was observed through sketches from the show "Porta dos Fundos". In this manner, we seek to describe the use of these forms, noting their uses according to the communicative situation established by the standards discussed in the theory of Power and Solidarity (BROWN; GILMAN, 1960). The study also takes into account the theoretical assumptions of quantitative theory variationist Labovian (LABOV, 1994), aiming to identify the linguistic and extralinguistic factors that determine the use of pronouns of possessive pronouns referring to the second person singular. In summary, this preliminary study suggests that the possessive forms tend to track the subject's behavior in the diachronic and the possessive "seu" apparently has a multi-functional behavior.

Keywords: possessive pronouns; variation; diachronic; synchronic; "teu/seu".

¹ Doutoranda em Língua Portuguesa, Programa de Pós-graduação em Letras Vernáculas, Universidade Federal do Rio de Janeiro, Brasil. Bolsista do CNPq. oliveira.rpereira@gmail.com

Introdução

É possível afirmar que, nos últimos anos, a alternância entre *tu/você*, como estratégia de referência ao interlocutor, tornou-se objeto de diferentes estudos sincrônicos e diacrônicos. De acordo com tais estudos, o pronome *tu* configurou-se como a estratégia mais recorrente entre os séculos XIX e início do XX, ocorrendo preferencialmente nulo nas relações de maior intimidade entre homens. A forma *você*, por outro lado, entre os séculos XVIII e XIX, passou por um processo de gramaticalização, sendo empregada como sujeito pleno, principalmente em cartas femininas ou em relações que conferiam menor intimidade entre os participantes (RUMEU, 2008). Segundo Souza (2012), em estudo sobre a variação entre *tu* e *você* especificamente na posição de sujeito, a forma *você* teria suplantado o pronome *tu* a partir da década de 1930.

Interessante comentar que os trabalhos diacrônicos mostraram que a forma *você*, por ser oriunda do pronome de tratamento *Vossa Mercê*, ora comportava-se como uma variante do pronome *tu* (exemplo 01), ora era empregada em contextos de maior distanciamento entre os interlocutores, também sendo utilizada para amenizar pedidos e ordens (exemplo 02), como se vê a seguir:

- (01) Talvez **você** | lhe preste bom serviço | ficando ahi mais tem- | po para ver o que ha a | respeito, escrever lhe sem- | pre dando noticias emfim | com o seu tino e amabilida- | de **podes** perceber o que | há é preciso cuidado que | sabem iludir a gente; as- | sim **prestarás** bom serviço | a Papai que muito precisa | e que nos quer tanto bem. | **Você** ahi é pessoa amiga | dedicada de toda confian- | ça de Papai e isso nos va- | le muito e muito agora. (Carta de Maria Guilhermina Penna a Affonso Penna Júnior em 16/11/1908)
- (02) (...) não **tenhas** man | dado o que me **disseste** doaria a Camara | para ser collocada no lugar de honra seria | bom que no dia 7, **voce** vissi e não podendo | talvez o Amarilio com algum companheiro | que [*pudessi*] discursar e fazer propaganda eu | mandaria a condução. (Carta de Manuel Penna a Affonso Penna Júnior, em 24/08/1909)

Os estudos sincrônicos corroboram os resultados encontrados em tais estudos diacrônicos, mostrando que o pronome *tu*, mesmo tendo sido suplantado pela forma *você*, quando aparece na fala, como descreve Maia (2012, p. 122), geralmente é encontrado em informantes masculinos, que o utilizam “em atos de fala mais solidários e diretos, sinalizando certeza, ordem e obrigação”. Já a forma *você* continua sendo mais produtiva na fala feminina, por ser “menos marcada socialmente” (MAIA, 2012, p. 122). Seu emprego ocorre com maior profusão “em atos de fala neutros e/ou menos ameaçadores ao interlocutor, quando se quer indicar uma possibilidade ou quando se faz um aconselhamento” (MAIA, 2012, p. 122).

Além disso, estudos sincrônicos como o de Vargas (2010) mostram que a forma *você* também é utilizada, a partir da década de 1970, como uma estratégia bastante expressiva de indeterminação do sujeito, como comenta o cronista João Ubaldo Ribeiro, que critica, justamente, o fato da forma *você* ser utilizada não somente como uma estratégia de referência ao interlocutor, mas também como uma forma para não se referir a um sujeito específico:

Não pretendia voltar a escrever sobre como a língua vai mudando, por não se quer ser chamado de velho caturra, mas esta semana (ou, segundo a atual usança, “nesta semana”), (...) outra usança: estabeleceu-se o “você”, no lugar do nosso bem mais respeitável “se”. Agora não se faz mais nada, é você quem faz. Por exemplo, a afirmação “deve-se checar” é substituída por “você deve checar”. De novo, só se ouve falar assim e de novo temo que se transforme em regra, até porque você escuta muito isso dos próprios professores e você sabe que, quando, você aprende algo na infância, você nunca esquece e aí você usa na vida o que você aprende na escola. (*O Globo*, 7 de Junho de 2009 *apud* Vargas 2010, p. 11)

Nesse sentido, todos os estudos feitos até então permitem que se afirme que a entrada do pronome *você* no quadro de pronomes do português brasileiro provocou um verdadeiro redesenho das formas pronominais e verbais, configurando morfológica e sintaticamente o português moderno. Lopes e Marcotulio (2013) vão ainda mais além e afirmam que as formas acusativas (complemento direto) e dativas (clíticos dativos ou sintagmas preposicionados pelas preposições *a* ou *para*) são os contextos em que mais se mantém

as formas originais do paradigma de *tu*. Por outro lado, as formas oblíquas (complementos de preposições) e genitivas (possessivos) estão mais propensas à implementação das formas ligadas ao paradigma de *você*.

Assim, fazem-se necessários mais estudos sobre a variação existente em outros contextos morfossintáticos, com a finalidade de ampliar o entendimento sobre a variação no tratamento do português brasileiro². Lopes e Marcotulio (2013, p. 12) comentam que as formas genitivas, isto é, os pronomes possessivos possuem comportamento diferenciado dos demais pronomes, uma vez que “formas acusativas e dativas do paradigma de *você* tendem a ter implementação nula ou limitada; por outro lado, a forma genitiva *seu* mostra uma alta taxa de produtividade”. Dessa maneira, o presente estudo objetiva analisar a variação existente entre as formas simples de pronomes possessivos, isto é, *teu/tua/seu/sua* diacrônica e sincronicamente, buscando explicar o que faz a forma possessiva *seu/sua* ter um comportamento diferenciado.

Para a realização deste trabalho, pretende-se realizar duas etapas distintas de análise da variação possessiva. Primeiro, será realizado um estudo de longa duração (1870 a 1980), com base em cartas pessoais, verificando os contextos linguísticos e extralinguísticos que influenciam na variação entre os pronomes possessivos referentes à segunda pessoa. Em um segundo momento, analisar-se-á a distribuição das formas possessivas na atual sincronia a partir da análise de filmes, roteiros e diálogos do projeto NURC. Para tanto, a análise quantitativa e qualitativa dos dados baseia-se nos pressupostos da sociolinguística variacionista (LABOV, 1994; WEINREICH; HERZOG; LABOV, 1968). No entanto, como os trabalhos que verificavam a variação no sujeito já mostraram que, a depender do contexto e da situação comunicativa, o emprego pronominal pode mudar, tal hipótese também será levada em consideração para analisar a variação das formas possessivas. Dessa forma, a variação das formas *teu/seu* também será analisada a partir da ótica da teoria de Poder e Solidariedade proposta por Brown e Gilman (1960).

Assim sendo, o presente estudo possui duas hipóteses norteadoras. A primeira é a de que se acredita que a variação encontrada nos pronomes possessivos comporta-se de maneira similar aos resultados encontrados no que concerne à variação observada no contexto morfossintático de pronome reto e verbo-não imperativo, ou seja, sujeito pleno e nulo, respectivamente. Dessa maneira, acredita-se que o possessivo *seu* acompanha a entrada da forma *você* no quadro pronominal. Assim, supõe-se que alguns dos contextos linguísticos, como o paralelismo formal, e extralinguísticos, a exemplo do período histórico e a simetria entre a relação estabelecida entre os interlocutores, que regem a variação entre *você* e *tu* na posição de sujeito, serão os mesmos observados na variação dos pronomes possessivos.

Por outro lado, a outra hipótese de estudo é a de que o possessivo *seu/sua*, por estar relacionado à forma *você*, teria o mesmo comportamento polifuncional do pronome pessoal correspondente, isto é, ora seria empregado como variante do possessivo *teu/tua*, ora seria empregado em contextos comunicativos que distanciam os interlocutores e ora não se configuraria como, de fato, um pronome possessivo prototípico, ou seja, relacionando-se a posses genéricas, estando dessa maneira relacionado à indeterminação do sujeito a que o pronome *você* se refere.

1. Pressupostos teóricos e metodológicos

1.1 - A Teoria da Variação e os fatores sociais

O final da década de 1960 constitui-se como um momento de virada para a linguística, uma vez que é nesse período que começam a surgir os primeiros trabalhos sociolinguísticos e, com isso, uma mudança significativa com relação ao conceito de língua e ao objeto de estudo da Linguística. Nesse sentido, o estudo proposto por Weinreich, Labov e Herzog (1968) acabou por revolucionar as correntes linguísticas existentes até então, já que a heterogeneidade passou a ser considerada como uma característica inerente a qualquer língua, sendo esta suscetível às pressões sociais, o que, claramente, comprometia o estudo da língua fora de seu contexto social. Tal visão contrariava correntes anteriores a este estudo, como o estruturalismo e o

² Destacam-se os estudos de Oliveira (2014), Souza (2014), Rumeu (2013) Marcotulio (2012) e Lopes e Cavalcante (2011) que mostram as reorganizações pelas quais passaram as formas acusativas, dativas, oblíquas e genitivas.

gerativismo, que concebiam a língua por ela mesma, como uma estrutura abstrata, passando a desconsiderar o que fosse distinto desse objeto de estudo.

Labov (1972, p. 197) critica arduamente a língua abstrata de Saussure e seus seguidores, como Chomsky, que não considerava os fatores sociais importantes para a mudança linguística, como fica claro no fragmento abaixo:

Por esta razão, a Escola de Genebra saussuriana é freqüentemente mencionada como a escola “social” da lingüística. (...) No entanto, de modo bastante curioso, os lingüistas que trabalham dentro da tradição saussuriana (e isso inclui a grande maioria) não levam em conta de modo nenhum a vida social: trabalham com um ou dois informantes em seus escritórios, ou examinam seu próprio conhecimento de langue. Além disso, insistem em que as explicações dos fatos lingüísticos sejam derivadas de outros fatos lingüísticos, não de quaisquer dados “externos” sobre o comportamento social.

Autores como Mollica (2003), por exemplo, defendem que seria impossível desvincular a língua de sua função sociocomunicativa. Portanto, na concepção da autora, entende-se que a sociolinguística age nas fronteiras entre a língua e a sociedade, com foco principal nos empregos concretos da língua. Assim, tem-se a percepção de que todas as línguas humanas possuem a mudança como característica inerente e essencial, sendo assim, heterogêneas e dinâmicas.

Desse modo, é possível definir a sociolinguística, em sentido mais abrangente, como uma subárea da Linguística responsável por estudar a língua aliada a aspectos sociais, ou seja, analisando a correlação entre os aspectos linguísticos e sociais. Nesse sentido, na sociolinguística, todas as línguas são inerentemente dinâmicas e heterogêneas, ou seja, variáveis. Assim, o maior objeto de estudo da sociolinguística é a variação, já que, como afirma Mollica (2003, p. 10), a mesma é entendida “como um princípio geral e universal, passível de ser descrita e analisada cientificamente”. Desta forma, na sociolinguística, acredita-se que a variação é desencadeada tanto por fatores estruturais como também sociais. É necessário, portanto, entender a sociolinguística como afirmou Calvet (1993, p. 12): “as línguas não existem sem as pessoas que as falam, e a história de uma língua é a história de seus falantes”.

Dessa forma, utilizar a sociolinguística para a realização do presente estudo é fundamental, uma vez que a escolha tratamental pelos falantes é devido aos valores que cada forma pode assumir na interlocução. Nesse sentido, fatores linguísticos atuam fortemente na variação existente nas formas possessivas, uma vez que se acredita que o contexto em que o pronome está inserido pode influenciar nas escolhas linguísticas feitas pelo falante.

No entanto, não se pode desconsiderar o valor que a interação social tem nas escolhas linguísticas realizadas pelos falantes. Assim, acredita-se que, dependendo do contexto e da situação comunicativa, o tratamento ao interlocutor pode variar. Por isso, analisar a variação entre pronomes possessivos de segunda pessoa apenas pela ótica da Teoria da Variação não é suficiente para analisar o fenômeno linguístico, fazendo-se necessário observar a variação *teu/seu* no âmbito, também, da pragmática, que será brevemente mostrada a partir de agora.

1.2 - O casamento de duas teorias: a sociopragmática

Segundo Marcondes (2008), o emprego do termo *pragmática* deu-se por Charles Morris e Mario Bertolini, em 1938, sendo definida como a relação entre a linguagem e seus falantes. Entretanto, a corrente linguística evoluiu passando a ser definida como o estudo da linguagem em seu contexto de uso, ou seja, a comunicação, a utilização concreta da língua. Nesse sentido, a significação linguística é entendida como a interação existente entre falante e ouvinte, no contexto da fala, considerando os elementos socio-culturais em uso, assim como os seus objetivos e conseqüências.

Vidal (2002), em trabalho sobre os conceitos básicos da pragmática, afirma que um dos principais pontos de interesse da pragmática seriam os princípios que regulam o uso da linguagem na comunicação, isto é, as circunstâncias que influenciam o emprego de determinado emprego concreto por um falante em determinada situação comunicativa, assim como a interpretação que o destinatário tem. A pesquisadora comenta sobre a pragmática:

La pragmática es, por tanto, una disciplina que toma en consideración los factores extralingüísticos que determinan el uso del lenguaje, precisamente todos aquellos factores a los que no puede hacer referencia un estudio puramente gramatical: nociones como las de *emisor*, *destinatario*, *intención comunicativa*, contexto verbal, *situación* o *conocimiento del mundo* van a resultar de capital importancia.³ (VIDAL, 2002, p. 13)

Nesse sentido, o estudo das formas de tratamento ganha destaque, uma vez que a maneira como os interlocutores se tratam na interação verbal pode significar a escolha de uma forma tratamental em detrimento de outra. Entretanto, tal escolha só é explicada através de um estudo minucioso das diferentes situações comunicativas em que essas formas aparecem, tentando esclarecer as intenções mais diversas dos interlocutores.

Assim, com o intuito de efetuar um estudo sobre as diferentes estratégias possessivas de referência à segunda pessoa, é importante que uma cuidadosa averiguação das relações estabelecidas entre os participantes da situação comunicativa seja realizada. Dessa forma, objetivando entender tais relações, faz-se necessário discutir algumas teorias de base pragmática e os limites para a análise em questão, como a dicotomia poder e solidariedade, de Brown e Gilman (1960) e a teoria da polidez, proposta por Brown & Levinson (1987), aliando-as aos preceitos da sociolinguística variacionista (WEINREICH; LABOV; HERZOG, 1968).

Brown e Gilman (1960), no trabalho *The pronouns of Power and Solidarity*, analisam as regras de tratamento regentes em vinte diferentes línguas, quase todas de origem indo-europeia. Os autores concluem que a escolha das estratégias de tratamento à segunda pessoa do discurso é regulamentada por relações denominadas de poder e solidariedade. Segundo essa proposta, essas relações estariam presentes em todas as formas de interação entre os interlocutores.

Assim sendo, o conceito de *poder* é definido como o domínio que uma pessoa exerce sobre outra em determinada situação comunicativa. Dessa forma, para que seja estabelecida uma relação de poder, faz-se necessária a interação de pelo menos duas pessoas e que a relação entre elas não seja simétrica, uma vez que os participantes não podem ter poder na mesma área de comportamento. Dessa maneira, percebe-se que o poder está presente em relações assimétricas.

Na contramão da relação de poder, em que a hierarquia é importante para que se entenda a assimetria de tratamento, a *solidariedade* pressupõe um mesmo nível hierárquico decorrente de relações sociais simétricas.

A teoria da polidez, idealizada por Brown e Levinson (1987), é outra teoria bastante utilizada. Segundo os autores, em uma situação comunicativa, os participantes possuem duas propriedades básicas que podem explicar seu comportamento no que tange a interação. A primeira propriedade é denominada de *racionalidade* e, de acordo com ela, cada indivíduo possui um modo de raciocinar que pode ser definido de modo preciso e que o conduz aos meios necessários para chegar aos fins a que deseja alcançar. A segunda propriedade é a imagem pública que cada indivíduo constrói para si próprio, buscando manter o prestígio no meio social em que se vive. A imagem pública possui duas vertentes: a face positiva e a negativa. A primeira consiste na personalidade (imagem) desejada pelos interactantes, ou seja, a maneira como os indivíduos desejam ser vistos pela sociedade. A face negativa, por outro lado, está relacionada ao território, ao direito de sofrer perturbação, à preservação pessoal, o que remete à liberdade de ação e liberdade para não sofrer imposição por parte dos outros.

Na concepção dos autores, qualquer ato de fala pode ser considerado uma ameaça à face do interlocutor, pois a imagem pública é muito vulnerável e a interação é apenas um esforço para preservá-la. Dessa maneira, as estratégias de polidez são utilizadas para reforçar a imagem positiva do emissor e interlocutor, garantindo a harmonia do processo interacional. Quando há uma estratégia que suaviza a

³ A pragmática é, portanto, uma disciplina que toma em consideração os fatores extralingüísticos que determinam o uso da linguagem, precisamente todos aqueles fatores aos quais não se pode fazer referência a um estudo puramente gramatical: noções como as de *emissor*, *destinatário*, *intenção comunicativa*, contexto verbal, *situação* ou *conhecimento de mundo* vão resultar de grande importância. Tradução nossa.

imposição de um ato que ameace a face positiva do interlocutor, tem-se um caso de polidez positiva, e quando esse ato ameaça a face negativa, a estratégia utilizada é a polidez negativa.

Assim, acredita-se que, no que se refere aos pronomes possessivos, a proteção da face estaria ligada ao emprego que o falante faz do pronome. Isso é: em contextos discursivos em que haveria a possibilidade de ferir a face do outro, seriam utilizadas estratégias para amenizá-la, como, por exemplo, o emprego de uma forma tratamental mais respeitosa. Dessa forma, não é possível dissociar a variação *teu/seu* do seu contexto de uso.

A partir de agora explicar-se-á um pouco sobre o *corpus* que servirá de base para a pesquisa. Pretende-se explicar os motivos pelos quais se faz necessária uma amostra completamente diversificada.

1.3 - Descrição do *corpus*: a necessidade de uma amostra diversificada

O estudo que se pretende fazer sobre a utilização dos possessivos de segunda pessoa será realizado diacrônica e sincronicamente, uma vez que a literatura linguística carece de estudos mais amplos e descritivos sobre o tema.

Partindo de tal princípio, optou-se por observar o emprego dos pronomes possessivos, na diacronia, em cartas pessoais, que vão dos anos de 1870 a 1980 e totalizam 143 cartas⁴. O estudo de Pereira (2012) mostra a importância de dividir e delimitar bem o *corpus*, já que o mesmo pode, muitas vezes, ser o responsável pela variação tratamental encontrada, dependendo do caráter mais íntimo e pessoal estabelecidos entre remetente e destinatário. Tendo isso em vista, o tipo de carta também será controlado para que os resultados sejam analisados da maneira mais idônea possível.

Nesse sentido, apesar do *corpus* possuir mais de 300 cartas, para a realização da análise piloto, foram selecionadas apenas 10 cartas de cada década. Além disso, é importante ressaltar que o material não está distribuído de maneira igualitária, isto é, há décadas com mais de 100 cartas, enquanto outras que não chegam a 20 missivas. Com a intenção de não enviesar a análise, optou-se por não utilizar todas as cartas da amostra, visto que algumas décadas terão mais material do que outras. Por isso, pensou-se em um número de cartas mais ou menos próximo para cada década: em torno de 30 cartas. A tabela a seguir ilustra a distribuição das cartas selecionadas para a realização desse estudo, baseada em Oliveira (2014):

<i>Década</i>	<i>Título da amostra</i>	<i>Número de documentos analisados</i>
1870 - 1940	Família Pedreira Ferraz - Magalhães	39
1870 - 1880	Família Ottoni	5
1870 - 1890	Família Cupertino do Amaral	11
1880 - 1910	Família Oswaldo Cruz	7
1890 - 1920	Família Penna	11
1990 - 1910	Família Land Avellar	5
1930	Casal dos Anos 30	4
1940 - 1950	Família Washington Luís	15
1960 - 1970	Família Brandão	20
1970 - 1980	Cartas Cariocas	26

Quadro 1. A distribuição do *corpus* diacrônico.

⁴ Deve-se destacar que tal número corresponde às cartas utilizadas para se fazer a análise piloto. Para a tese propriamente dita não há número fechado de cartas por família, mas sim, número de dados por década estudada. Material disponível em <<http://www.lettras.ufrj.br/laborhistorico/>>.

É importante ressaltar que o estudo também objetiva observar a variação entre os possessivos de segunda pessoa na atual sincronia. No entanto, a tarefa de dar prosseguimento à pesquisa através de cartas pessoais mostrou-se impossível, já que não foram encontradas cartas posteriores à década de 1980 e, com o advento da internet e da troca de e-mails, mais difícil ainda seria encontrar missivas dos anos 2000.

Devido a essa problemática, viu-se a necessidade de buscar outros materiais que permitissem o estudo dos possessivos de segunda pessoa. Devido a isso, o emprego dos possessivos foi analisado a partir de 24 roteiros, produzidos em 2013, do canal de vídeos Porta dos Fundos⁵. Tal escolha dá-se devido à necessidade de identificar como o possessivo é empregado atualmente, como é seu comportamento. Apesar de roteiros serem uma representação e, muitas vezes, ocorrerem usos linguísticos marcados e estereotipados, ainda assim, servem como importantes ferramentas linguísticas de estudo.

2. Análise Diacrônica

A análise da variação dos pronomes possessivos de segunda pessoa se deu sob a análise de 147 cartas pessoais, divididas entre as décadas de 1870 a 1980. Os resultados gerais ilustram uma maior utilização de *teu/tua* com 53% das utilizações, já o emprego de *seu/sua* obteve 47% de usos. No entanto, tais resultados não indicam como se deu a variação entre as duas formas de possessivos ao longo do tempo, o que fica mais claro através do gráfico abaixo:

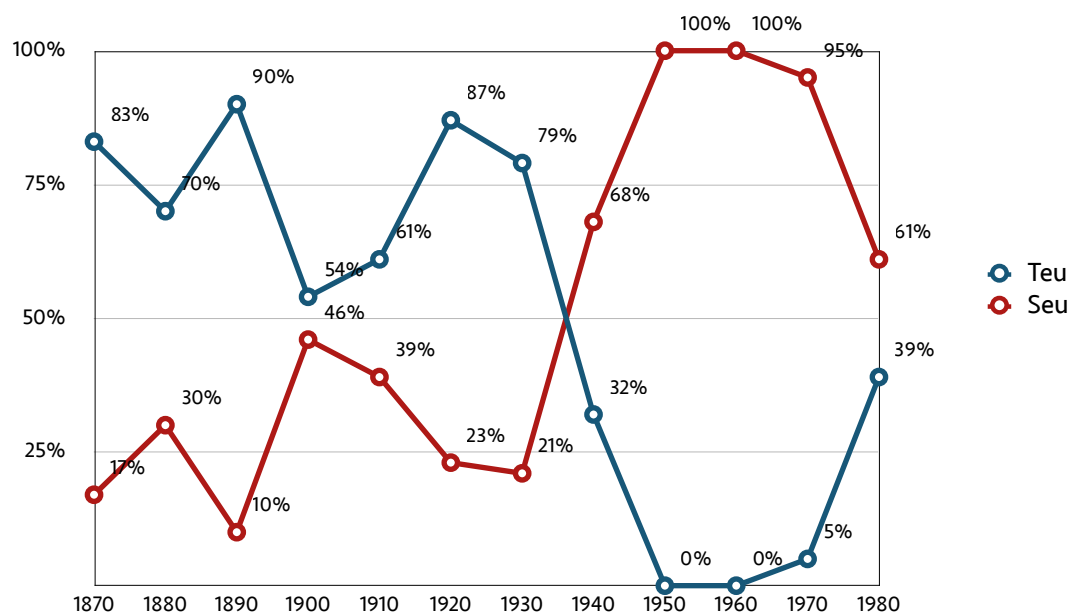


Gráfico 1. A variação *teu/seu* ao longo do tempo.

O gráfico mostra que o fator temporal é de extrema necessidade para delinear a variação entre as formas possessivas *teu/seu* entre nos anos de 1870 a 1980. É possível observar que as frequências dos possessivos se mostram polarizadas: enquanto o predomínio de *teu* se dá de 1870 até a década de 30 do século XX, o possessivo *seu* passa a ter maior índice de emprego a partir de 1940, sendo categórico nas décadas de 1950 e 1960.

Tais resultados encontrados podem ser comparados aos resultados de Souza (2012) no que se refere à análise da variação tratamental entre *tu* e *você*, na posição de sujeito, observando, também, a distribuição com relação ao tempo histórico, como se pode observar a seguir.

Apesar de se acreditar que um dos fatores que motiva a variação das formas possessivas seja justamente o sujeito, não se analisou tal fator a fundo, uma vez que Souza (2012) fez uma análise

⁵ Disponível em: <<http://www.portadosfundos.com.br/>>.

aprofundada sobre a variação *ocê* e *tu* no mesmo corpus diacrônico utilizado para este estudo. Nesse sentido, é interessante verificar os resultados que a pesquisadora encontrou ao analisar a variação, na posição de sujeito, entre *tu* e *ocê*, com relação ao longo do tempo:

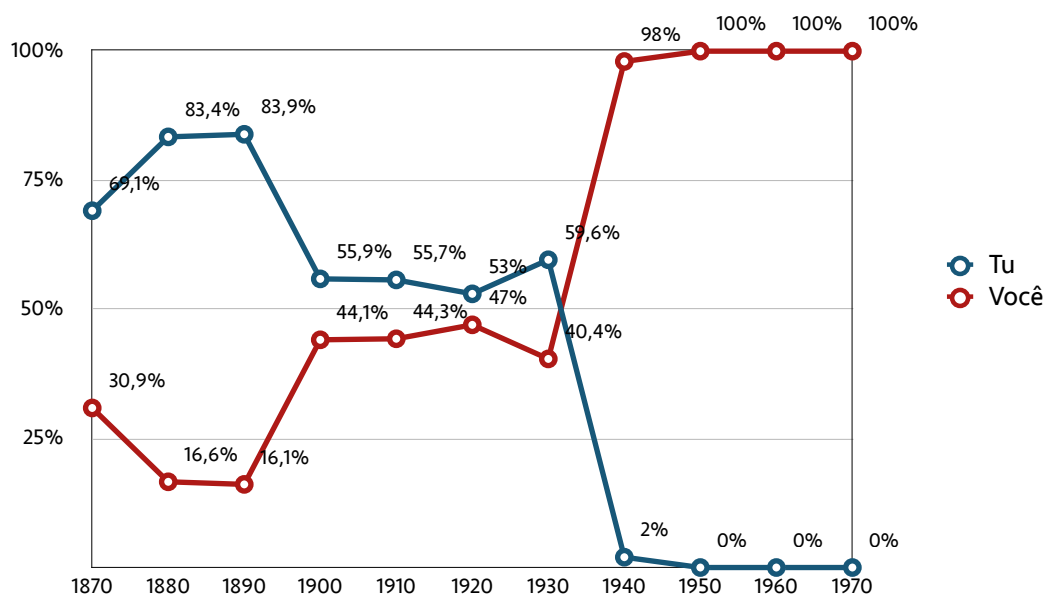


Gráfico 2. Distribuição das formas *você* e *tu* ao longo do tempo.

Comparando os dois resultados, nota-se que, apesar dos índices serem díspares, aparentemente, a variação entre as formas possessivas *teu/seu* acompanha a variação entre *tu* e *você*, já que, na pesquisa de Souza (2012), o predomínio de *tu*, na posição de sujeito se dá, também, até 1930, sendo suplantado por *você* a partir da década de 1940.

A partir de agora serão apresentados os resultados referente à seleção feita pelo programa estatístico *Goldvarb*. Foram selecionados, na rodada geral com dados das cartas escritas de 1870 a 1980, dois grupos de fatores:

- 1) O tratamento na posição de sujeito;
- 2) A relação entre remetente e destinatário.

Os resultados vistos até então mostram que a variação *teu/seu* acompanha a variação existente entre *tu* e *você* na posição de sujeito. Nesse sentido, acredita-se que, em cartas cujo sujeito é *você*, o possessivo empregado seria o correspondente ao pronome, ou seja, *seu*. Por outro lado, em cartas com exclusiva utilização de *tu* sujeito, haveria o emprego de possessivos *teu*. Assim sendo, a tabela a seguir ilustra os resultados encontrados da variação *teu/seu* levando-se em consideração qual era o sujeito empregado nas missivas:

Fatores	Aplicação/Total	%	PR
Somente <i>tu</i>	5/194	3%	0.056
Somente <i>você</i>	192/231	83%	0.906
Mista	4/19	21%	0.056
Não se aplica	37/57	65%	0.0635

Tabela 1. O tratamento como sujeito. Valor de aplicação: *seu*.

Ao se pensar nesse grupo de fatores, observou-se que havia quatro tipos diferentes de cartas: aquelas com uso de *você* sujeito, cartas com emprego exclusivo de *tu* sujeito, cartas em que apareciam tanto *você*

quanto *tu* na posição de sujeito e cartas em que não havia qualquer referência ao sujeito empregado, isto é, cartas sem tratamento de sujeito.

Nesse sentido, a tabela 1 aponta para o resultado que já se esperava: a análise do peso relativo apontou que cartas em que há uso exclusivo de *você* sujeito favorecem o emprego de *seu* (0.906) ao passo que nas cartas em que ocorria o emprego restrito de *tu* desfavorecem a utilização de *seu* (0.056). A tabela ainda mostra que nas cartas em que não há qualquer referência de sujeito, há o favorecimento, mas não tão elevado, ao uso de *seu* (0.635), enquanto nas cartas mistas, com uso tanto de *tu* e *você* na posição de sujeito, favorece-se o emprego de *teu* (0.056). Os exemplos a seguir ilustram as utilizações de possessivos em correlação com o sujeito das missivas:

- (03) Antes de tudo, rendamos graças á Deos | pela continuação da saude e paz de espirito | que **gosas** em paz com os **teus** e toda Santa Fé. | [espaço] Vou seguir o exemplo que me **dás** | na ultima carta, que separou me de **tua** | Mãe, escrevendo me - á mim, assim como | aella á parte. (Família Pedreira, em 4/10/1879)
- (04) Recebi **suas** cartas, mas | com um dia de demora | D' ahi resulta só hoje | poder enviar lhe a | incommenda. | Como **tens Você**, a **tua** | Mãe e Marido e Pae | e irmãos passado? (Família Pedreira, em 7/02/1877)
- (05) Ahi vão as **suas** encomendas e | Algumas de caza e uvas de | que vi **Você** achar gosto. | Muito cuidado, muito cuidado nos | filhos com a saúde de [ambos] | e até breve por todo o mez | de Novembro como lhes | prometti. (Família Pedreira, em 11/10/1876)
- (06) Prezado parente e amigo F Brandão Neto || Por telegrama já lhe agradeço as felicitações | que me mandou por motivo de meu anni- | versario natalicio. Isso significa que recebi | Esperando **sua** resposta, muito cordialmente | primo e amigo, | Washington Luis (Fundo Washington Luis, sem data precisa, década de 1940)

Os exemplos acima apenas ilustram o comportamento dos possessivos já descrito. No entanto, chama a atenção o exemplo (06), que demonstra o emprego do possessivo em uma carta que não há qualquer referência de sujeito. Apesar de não haver sujeito expresso, pelo conteúdo da carta e emprego de algumas palavras e expressões, como *Prezado parente e amigo* e *muito cordialmente*, pode-se perceber certo distanciamento entre remetente e destinatário, inferindo que os dois mantinham, bem possivelmente, um relacionamento não tão próximo. Nota-se mais um exemplo:

- (07) Prima Sophia | (...) | Recebi **sua** carta de 22 de Agôsto, e agora a de 25 do mesmo | mês encaminhando-me o livro do Dr. Martinho da Rocha, sôbre o vul- | to de Dr. Francisco de Mello Franco. | Junto envio-lhe um agradecimento ao Dr. Martinho da Rocha, | que rogo fazer chegar a destino. | Dou-lhe os parabens por estar "na pista certa" para encon- | trar os **seus** ascendentes do lado Mello Franco. A melhor pista é | a que é marcada por documentos. | (...) | Pedindo que muito me recomende afetosamente a todos os **se-** | **us**, aqui fico sempre pronto a dar-lhe quaisquer outras informa- | ções que estejam a meu alcance. | Muito Cordialmente | Washington Luis (Fundo Washington Luis em 30/10/1949)

Novamente, percebe-se que há certo grau de distanciamento entre Washington Luis e aquela a quem a carta se destina, mesmo sendo os dois parentes. Pode-se notar, mais uma vez, que a carta não trata de assuntos íntimos, ou seja, seu teor não é de proximidade. Além disso, o missivista se utiliza do termo *cordialmente*, que é responsável por deixar clara a relação não íntima dos dois primos.

Nesse sentido, observou-se que, apesar de haver cartas em que não há qualquer emprego direto de sujeito, é possível identificar pelo teor das missivas se a carta representa uma relação mais ou menos próximas entre remetente e destinatário. Assim sendo, verificou-se que, nas cartas sem sujeito, quando há distanciamento entre remetente e destinatário, é comum o emprego de *seu* e suas variedades. Por outro lado, quando as missivas ilustravam uma relação mais íntima entre os informantes, havia emprego de *teu* e variantes. Seguem os exemplos:

- (8) Padre Jeronymo meu irmão querido | Antes de começar a quaresma venho converçar um pou- | co comtigo ainda que por carta, desde que não posso de | mos. Recebi hontem **tua** carta, muito te | agradeço, precisava uma palavrinha de | meu irmão que tão bem compreendeu | meu coração. Meu irmãozinho querido | nas **tuas** orações ponha uma supplica | para que Nosso Senhor dé um geito na mi- | nha vida. | (...) | [espaço] Adeus meu irmão querido, um gran- | de abraço cheio de saudades. Muito gostei | da imagem que me mandou | [espaço] **Tua** irmã que muito te estima | Sor Maria Auxiliadora (Família Pedreira, em 16/02/1926)
- (9) Querido Filho | [espaço] **Tua** carta escripta a 20 de fevereiro, | veiu romper o involuntario silencio | que ha uns dois mezes reina entre nós. | Ambos com o tempo bem tomado e | tranquillos a respeito dos outros que sa- | bemos estarem no serviço de Deus e por- | tanto entregues a um bom Senhor, vamos | deixando passar o tempo, mas não se pas- | sa um dia sem que **teu** nome seja repe- | tido por mim junto ao Altar. **Tuas** | noticias me consolaram muitissimo e | me vêm sempre suavisar o espinho cons- | tante que o estado continuo de Leonor | fere meu coração. (Família Pedreira, em 23/09/1919)

Os exemplos mostram um comportamento interessante acerca dos possessivos. Em (08) e (09) pode-se observar que, apesar de não haver nenhum sujeito explícito nas cartas, as mesmas caracterizam-se por apresentarem assuntos mais íntimos e próximos, além do uso de expressões que deixam a proximidade entre remetente e destinatário bem explícita, como *querido*. Desse modo, o possessivo empregado nas cartas refere-se a *teu* e suas variedades.

Dessa maneira, é possível identificar que os possessivos, de certa maneira, comportam-se, na diacronia, da mesma forma como os pronomes *tu* e *ocê* eram utilizados no período em questão: diferentes estudos (RUMEU, 2008; PEREIRA, 2012; SOUZA, 2012) já comprovaram que no século XIX e início do XX, o pronome *tu* era empregado em cartas cujas relações estabelecidas entre os informantes eram bem próximas e íntimas, sendo empregado, principalmente por homens. Já a forma *ocê* possuía um comportamento polifuncional, ora sendo variante do pronome *tu*, ora sendo uma forma empregada para demonstrar um caráter cerimonioso e distante entre remetente e destinatário. Justamente por isso, era mais usualmente encontrado nos discursos femininos, uma vez que, talvez, na sociedade da época, não fosse de bom tom que mulheres tratassem os homens de maneira direta e igualitária.

Assim sendo, percebe-se que, aparentemente, os pronomes possessivos acompanham o emprego dos pronomes retos, não só no paralelismo, como a princípio se supunha, mas, também sendo empregados tanto no trato informal, como em ocasiões em que se exija mais cerimônia, principalmente no que se refere ao emprego do possessivo *seu*, já que ele, já na diacronia, apresenta o mesmo caráter polifuncional descrito ao pronome *ocê*, aparecendo tanto em relações mais íntimas, sendo uma variante do possessivo *teu*, como em cartas em que se nota distanciamento entre os informantes.

Relação entre remetente e destinatário

Outro grupo de fatores selecionado pelo programa estatístico como importante para a variação entre as formas possessivas *teu/seu* foi a simetria. Acredita-se que as relações sociais estabelecidas entre remetente e destinatário poderiam vir a interferir nas escolhas das formas possessivas empregadas nas cartas. Assim, são estabelecidas três relações entre os interlocutores: (i) assimétrica ascendente (de um remetente inferior para um destinatário superior), (ii) assimétrica descendente (de um remetente superior para um destinatário inferior) e (iii) simétrica. Imagina-se que as relações assimétricas tenderiam a uma deferência no tratamento, enquanto as relações entre iguais não. A tabela a seguir ilustra os resultados encontrados.

É importante destacar que os dados referentes à relação assimétrica de inferior para superior foram desconsiderados na realização do peso relativo, uma vez que houve *knockout*: nesse fator só havia seis dados e todos eles eram relativos ao possessivo *seu*, ou seja, não houve variação. Observe-se a tabela:

Fatores	Aplicação/Total	%	PR
Superior-inferior	30/177	17%	0.329
Simétricas	202/318	63%	0.598

Tabela 2. A relação entre remetente e destinatário. Valor de aplicação: *seu*.

A tabela aponta que as relações estabelecidas entre um remetente superior para um destinatário inferior representam apenas 17% de dados de *seu*, desfavorecendo o seu uso (0.329). Seguem alguns exemplos abaixo:

- (10) Daqui a um anno has de estar de ta- | manho, que tem hoje **teu** irmão e | has de ir com elle á escola de Madame | Paul ou de outra mestra, para poder | escrever-me, sem precisar que papai | ou thio Julio te pegue na mão. | Adeos, meu querido Misael, abençoa- | te, e de todo o coração te abraça || **Teu** vovô muito camarada || C. B. Ottoni (Família Ottoni, carta de Christiano Ottoni para seu neto, Misael Ottoni, em 22/12/1879)
- (11) Affonsinho || Recebi hoje **teu** cartão pedindo | a **tua** correspondência só tem | um cartão de Dona Maria Amalia | felicitando te pelo **teu** bonito exame | e ella mandou me contar que | o Fausto teve distinções em todos | os exames que ja tinha conclui- | do o curso e que breve iria | tomar conta de alguma pro- | motoria. (Família Penna, carta de Maria Guilhermina Penna para seu filho, Affonso Penna Júnior, em 20/02/1899)
- (12) Meu Embaixador, estou lisonjeado | com o **seu** prefacio, minha irmã | Ana Maria, viuva Queiroz Mattoso, acaba | de ouvir a leitura e acha bom demais. | Vamos responder a **sua** carta de10p.p. (Família Brandão, de Francisco Brandão ao embaixador e amigo Heitor Lyra, em 20/10/1966)

Os exemplos acima ilustram os empregos de possessivos em cartas em que havia a relação assimétrica de superior para inferior (exemplos 10 e 11) e relação assimétrica de inferior para superior (exemplo 12). O emprego de *teu* e suas variantes no primeiro caso e *seu* no segundo está de acordo com o que se esperava, já que em relações assimétricas cujo remetente é inferior aquele a que se escreve, o mínimo que se pressupõe é que a carta será escrita com certo distanciamento, tratando de assuntos não tão íntimos e, por isso, cabem tratamentos que mostrem justamente essa relação menos próxima.

Por outro lado, os resultados mostraram que as relações simétricas favorecem o emprego de *seu*, tanto na frequência, com 63%, como também o peso relativo (0.598). Nota-se que tais valores são relativamente equilibrados. Seguem alguns exemplos:

- (13) Fiquei sem | cara para escrever (se é que não precisamos | dela para isto) e sabia que voce não leria minhas | cartas. Fiquei indeciso ate que recebi uma | carta **sua** com a qual fiquei espantado principal- | mente quando não li os palavrões que esperava. (Família Lacerda, carta de Carlinhos à namorada Marcela, em 19/09/1977)
- (14) Nesta ultima | carta voce enrolou tanto que quase não consegui abrir | a carta. Mas, mais uma vez consegui entender o que quiz | me dizer: que sente minha falta e que vamos esperar | a **sua** volta para ver o que que dá. | Sinto muito **sua** | falta tambem e concordo com voce quanto ao tempo que | perdemos o ano passado. Mas, quem sabe, recuperaremos. (Família Lacerda, carta de Carlinhos à namorada Marcela, em 15/09/1978)

Apesar de, a princípio, a relação social simétrica favorecer a forma possessiva *seu* e suas variantes, observou-se que o resultado não é unânime ao longo do tempo, isto é, enquanto há o maior predomínio de *teu*, esse era o possessivo empregado nas relações simétricas, ao passo que quando *seu* passou a ser mais empregado de maneira geral, ele passou a ser mais empregado, obviamente, nas relações simétricas. A tabela a seguir deixa essa divisão mais clara:

<i>Relação simétrica</i>		
<i>Décadas</i>	<i>Teu</i>	<i>Seu</i>
1870	1 – 6%	15 – 94%
1880	13 – 87%	2 – 13%
1890	22 – 92%	2 – 8%
1900	13 – 81%	3 – 19%
1910	16 – 84%	3 – 16%
1920	9 – 75%	3 – 25%
1930	22 – 79%	6 – 21%
1940	8 – 32%	17 – 68%
1950	-	25 – 100%
1960	-	25 – 100%
1970	5 – 5%	90 – 95%
1980	7 – 39%	11 – 61%
Total	116 – 36%	202 – 64%

Tabela 3. Relação entre remetente e destinatário *versus* período histórico.

A tabela ilustra bem o que foi comentado: no geral, há maior utilização de *seu*, com 64% de frequência. No entanto, tal emprego não se dá de maneira igualitária em todas as décadas. Sendo assim, de 1880 a 1930, há predomínio quase que exclusivo de *teu*, com exceção da década de 1870. A partir da década de 1940 há o maior emprego de *seu*. Tendo como base tais resultados, a hipótese a ser discutida na tese é a de que as formas *você-seu*, na verdade, acompanharam as mudanças sociais para um perfil mais solidário e menos hierarquizado.

É importante ressaltar que os resultados aqui apresentados são originados a partir de uma rodada geral, que juntou comportamentos distintos. Sendo assim, é possível afirmar que tais resultados são, na verdade, a média calculada pelo programa estatístico ao longo de 100 anos de produções escritas. No entanto, observando o gráfico (1), pode-se perceber que a variação *teu/seu* passa por dois grandes momentos: (i) o período de predomínio na utilização de *teu* e variantes, que se dá de 1870 a 1930 e (ii) o período em que o possessivo *seu* suplanta *teu*, a partir da década de 1940. Além disso, é possível verificar um período mais acirrado de variação entre as duas formas possessivas, observado nas décadas de 1900 e 1910. A tabela a seguir ilustra o que foi comentado:

		Teu	Seu	Total/Grupo	
				Teu	Seu
Grupo 1	1870	83%	17%	83%	17%
	1880	70%	30%		
	1890	90%	10%		
	1920	87%	23%		
	1930	79%	21%		
Subgrupo 1	1900	54%	46%	57%	
	1910	61%	39%	43%	
Grupo 2	1940	32%	68%	11%	89%
	1950	-	100%		
	1960	-	100%		
	1970	5%	95%		
	1980	39%	61%		

Tabela 4. A utilização de *teu* e *seu* ao longo do tempo.

A tabela deixa claro que as formas possessivas, ao longo do tempo, apresentam comportamentos distintos. Dessa maneira, para um estudo mais completo e pontual, é necessário que se façam rodadas separadas de cada grupo, para que as particularidades neles existentes não sejam perdidas.

3. Análise Sincrônica

A partir de agora, serão analisados os dados relativos à atual sincronia. Assim, tem-se o objetivo de ver como a variação possessiva de segunda pessoa se distribui na presente época.

Deve-se ressaltar que as utilizações encontradas na análise sincrônica não são reais, uma vez que a amostra analisada é uma representação, podendo ocorrer utilizações linguísticas deveras estereotipadas, mas que, apesar disso, podem ser importantes contribuições linguísticas.

Para o estudo em questão foram analisadas duas esquetes da Porta dos Fundos, que serão apresentadas a partir de agora.

Esquetes – Porta dos Fundos

Porta dos Fundos é um canal brasileiro de internet que produz conteúdo audiovisual duas vezes por semana. Os vídeos são curtos, com menos de cinco minutos de duração, todos de comédia, sempre representando situações cotidianas de maneira caricata. O canal apresenta situações representadas, sem dados reais de fala. No entanto, apesar disso, servem como importante material linguístico de análise, pelo seu caráter dialógico que propicia o uso de formas de segunda pessoa. Outra questão diz respeito ao roteirista, que elaborou os esquetes tendo em vista sua concepção de mundo e de língua, partindo de situações cômicas e irônicas do cotidiano. Assim, foram analisados 24 esquetes diferentes do *Porta dos Fundos*. Entretanto, serão apresentadas aqui apenas duas.

Objetiva-se, com os esquetes, ver, mesmo que em uma representação, como se dá a atual distribuição das formas possessivas no português brasileiro.

Esquete 1 – Traveco da firma

O esquete narra a história de Maurício, um funcionário de uma firma que faz bicos à noite como travesti. Ao achar que tinha conseguido um cliente, vê que, na verdade, esse cliente era um amigo do trabalho, Jorge. Os dois passam a conversar sobre o que levou Jorge a se prostituir, claro, que em tom de piada. A tabela a seguir apresenta o tratamento no sujeito empregado pelos personagens:

	<i>Tu</i>	<i>Você</i>
Maurício	2	4
Jorge	-	4
Total	2	8

Tabela 5. A distribuição do sujeito.

A tabela evidencia que o pronome *você* é mais empregado no esquete, embora apareçam dois dados de *tu*. No entanto, a tabela não mostra que os usos dos dois pronomes se dão de forma diferenciada: no início da narrativa, quando Jorge finge não conhecer Maurício, o tratamento empregado é *você*. No entanto, ao notar que não dá mais para disfarçar a situação, o tratamento utilizado entre os dois amigos é *tu*, como se vê a seguir:

- (15) MAURÍCIO – Não sei do que **você** está falando, não, meu amor!
 JORGE – Maurício, sou eu, Jorge, da firma! Para a palhaçada que sou eu!
 (...)
 MAURÍCIO – Não me explana, não, porra! Hein?! Fica quieto, porra!
 (...)
 JORGE – Maurício... Maurício, **você** tá se prostituindo, cara? **Você** virou puta?!
 MAURÍCIO – Nunca precisou de dinheiro, não? **Tu** nunca precisou de dinheiro na vida?

No entanto, a utilização dos pronomes possessivos não seguiu à risca a mesma utilização que teve o sujeito, como fica evidenciado na tabela abaixo:

	<i>Teu</i>	<i>Seu</i>
Maurício	3	-
Jorge	1	-
Total	4	-

Tabela 6. A distribuição dos pronomes possessivos.

A tabela mostra um uso exclusivo da forma possessiva *teu/tua*, como pode ser observado nos exemplos abaixo:

- (16) JORGE – Maurício, volta aqui! Parou. Pelo amor de Deus! Sou **teu** amigo, cara. Humano. A gente assistia *Rin Tin Tin* junto. Podia ter me pedido dinheiro emprestado...
 (...)
 MAURÍCIO – Aliás, Se você veio procurar uma coisinha maneirinha (*gesticula, insinuando sexo*) Eu diria que o Chico é a **tua** pedida. Dizem que o Chico tem uma boquinha de veludo... Eu não sei. Mas é rodado. Ele estar aqui é sorte **tua**. (*vira-se para o Chico*) Ô, Chico! Cliente!

Os exemplos deixam claro que a relação entre Jorge e Maurício é de total proximidade, já que os dois se conhecem há bastante tempo e são amigos. Desse modo, a relação estabelecida entre os dois é de intimidade, o que favorece o emprego de formas íntimas de tratamento, como o pronome *tu* e, por consequência, as formas possessivas relacionadas ao paradigma do pronome, *teu/tua*.

A seguir o outro esquete do Porta nos Fundos.

Esquete 2 – Setor de RH: Supergêmeos

A história satiriza o desenho Superamigos e a inutilidade dos personagens Supergêmeos, Zan e Jayna. Assim, é feita uma esquete em que Zan é demitido do emprego por entender que não é útil à irmã e à história. Nesse sentido, como se trata de uma conversa com algum superior (Erasmus), a relação estabelecida entre os irmãos e o setor de RH não é íntima, nem solidária. Pelo contrário, é invasiva e a linguagem deve ser muito bem pensada e cuidada, uma vez que se trata de uma demissão. A tabela a seguir ilustra as ocorrências de sujeito:

	<i>Tu</i>	<i>Você</i>
Erasmus	-	5
Zan	-	2
Jayna	-	-
Total	-	7

Tabela 7. A distribuição do sujeito.

Como se esperava, por se tratar de uma situação em que os interlocutores não são próximos ou íntimos, há o predomínio exclusivo do pronome *você*. Acredita-se que, no que tange à utilização dos possessivos, haverá o predomínio de *seu*, que é uma forma não-marcada. A tabela a seguir ilustra as ocorrências de possessivos encontradas no esquete:

	<i>Teu</i>	<i>Seu</i>
Erasmus	-	2
Zan	-	-
Jayna	-	-
Total	-	2

Tabela 8. A distribuição dos pronomes possessivos.

Percebe-se que, nesse esquete, há uma tendência do possessivo em seguir o sujeito que está sendo empregado. No entanto, é interessante ilustrar um dado de *seu* encontrado na história:

- (17) Zan – Ah... Ah!!! O problema sou eu então?! É isso? O problema sou eu?
 Erasmus – Não, de forma alguma! Ninguém é problema aqui. Todo mundo tem o **seu** valor. Você inclusive... (*pega a pasta pra ler*) Pode se transformar em... em... Deixa eu ver... (*pausa*) Água? É isso?
 (...)
 Erasmus – Zan, Zan. Olha só, eu entendi. Acho que chegamos no ponto aqui... O pessoal tá tendo uma certa dificuldade pra te encaixar. Eles acabam pegando missões onde tem poça, ou balde de água, ou estaca de gelo... Você vai concordar comigo que a **sua** participação está restringindo um pouco o potencial da equipe.

A fala de Erasmo ilustra um uso de *seu* que não era visto até então: o de indeterminador da posse. Percebe-se que, no contexto, não há um sujeito determinado, já que expressões como *todo mundo* e *ninguém* servem, justamente, para indeterminar o sujeito. É interessante observar que, nesse caso, o possessivo *seu* aproxima-se da sua forma original, isto é, fazer referência à terceira pessoa. Assim, quando Erasmo diz que *todo mundo tem seu valor*, afinal, a quem pertence esse valor? Não há uma posse direta e determinada, diferentemente de *Você vai concordar comigo que a sua participação está restringindo um pouco o potencial da equipe*, em que o possessivo *sua* se refere tanto a algo possuído como a um possuidor de fato.

Considerações finais

A análise, ainda que pontual e limitada, já traz alguns esclarecimentos no que tange à utilização dos pronomes possessivos. Na diacronia, em primeiro lugar, percebe-se que o grupo de fatores *período histórico* é de extrema importância para se entender a distribuição dos pronomes possessivos ao longo do tempo. O grupo apontou que as formas possessivas tendem a acompanhar o comportamento do sujeito, isto é, predomínio de *tu* e *teu* até 1930 e, posteriormente, emprego de *você* e *seu*.

Foi possível identificar também que, na diacronia, a relação estabelecida entre os remetentes e destinatários é importante para que se entenda um pouco da variação existente entre as formas possessivas. Nesse sentido, em contextos em que a proximidade entre os interlocutores era grande, há o emprego de *teu/tua*, ao passo em que o emprego de *seu/sua* se dá, majoritariamente, nas relações que não se configuram como solidárias.

Na sincronia, percebe-se que há o maior emprego de *seu/sua*, embora ainda apareça em variação com *teu/tua*. No entanto, ressalta-se que, atualmente, é possível identificar um comportamento do possessivo *seu* que não é identificado nas diacronias passadas: o de indeterminador de posse. Dessa maneira, pretende-se discutir tal questão de maneira mais aprofundada na tentativa de entender se *seu/sua* está associado ao *você* indeterminado ou a outras formas de terceira pessoa para indeterminar o sujeito.

Entretanto, aparentemente, a forma possessiva *seu/sua* possui um comportamento multifuncional como o pronome *você*: ora é utilizado como variante de *teu*; ora é empregado para mostrar distanciamento ou neutralidade nas relações entre os interactantes; ora é empregada para indeterminar a posse.

Referências bibliográficas

- ABRAÇADO, J. O possessivo seu – diferentes tipos de ambigüidade e de posse. *Gagroatá*, n. 9, p. 193-203, 2000.
- BRAVO, Diana. Categorías, tipologías y aplicaciones. Hacia una redefinición de la 'cortesía comunicativa'. In: _____. (Org.) *Estudios de la (des)cortesía en español*. Buenos Aires, Dunken, 2005. p. 21-52.
- _____.; BRIZ, Antonio. *Pragmática sociocultural: estudios sobre el discurso de cortesía en español*. Barcelona: Editorial Ariel, 2004.
- BROWN, Roger; GILMAN, Albert. The Pronouns of Power and Solidarity. In: SEBEOK, T. A. (Ed.). *Style in Language*. Massachusetts: Ed. MIT Press, 1960. p. 253-276.
- BROWN, P.; LEVINSON, S. *Politeness: some universal in language usage*. Cambridge: Cambridge University, 1987.
- CALVET, L-J. *Sociolingüística*. Uma introdução crítica. São Paulo: Parábola, 2002.
- CUNHA, Celso; CINTRA, Luís F. Lindley. *Nova Gramática do Português Contemporâneo*. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1985.
- DUARTE, M. Eugênia L. Do pronome nulo ao pronome pleno: a trajetória do sujeito português do Brasil. In: ROBERTS, I.; KATO, M. (Orgs). *Português Brasileiro: uma viagem diacrônica*. Campinas: Ed. Da UNICAMP, 1993. p. 107-128.
- KATO, M. A complementaridade dos possessivos e das construções genitivas no português coloquial: réplica a Perini. *DELTA*, v. 1, n. 1-2, p. 107-120, 1985.
- LABOV, W. *Padrões sociolinguísticos*. Trad. Marcos Bagno, Maria Marta Pereira Scherre, Caroline Rodrigues Cardoso. São Paulo: Parábola Editorial, 2008.

- LOPES, C. R. S.; CAVALCANTE, Sílvia Regina de Oliveira. A cronologia do voçamento no português brasileiro: expansão de você-sujeito e retenção do clítico-te. *Revista Lingüística* (Madrid), v. 25, p. 30–65, 2011. Disponível em: <http://www.linguisticalfal.org/25_linguistica_030_065.pdf>. Acesso em 08 fev. 2014.
- MARCOTULIO, L. *A preservação das faces e a construção da imagem no discurso político do marquês de Lavradio*: as formas de tratamento como estratégias de atenuação da polidez lingüística. Dissertação (Mestrado em Letras Vernáculas). Faculdade de Letras, Universidade Federal do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, 2008.
- MAIA, Viviane dos Santos. "Tu vai para onde?... Você vai para onde?": manifestações da segunda pessoa na fala carioca. Dissertação (Mestrado em Letras Vernáculas). Faculdade de Letras, Universidade Federal do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, 2012.
- MENON, O. P. S. Reestruturação do sistema possessivo em português. *Anais do VIII Seminário do Centro de Estudos Lingüísticos e Literários do Paraná*. Umuarama: UNIPAR/FAFID, p. 334-338, 1995.
- _____. Seu/de você: variação e mudança no sistema dos possessivos. In: HORA, D. (Ed.). *Diversidade lingüística no Brasil*. João Pessoa: Idéia, 1997. p. 79-92.
- MOLLICA, M. C.; BRAGA, M. L. *Introdução à sociolingüística*: o tratamento da variação. São Paulo: 2003.
- NEGRÃO, E.; MÜLLER, A. L. As mudanças no sistema pronominal do Português Brasileiro: substituição ou especialização de formas? *D.E.L.T.A.*, v. 12, n. 1, p. 125-152, 1996.
- OLIVEIRA, Thiago Laurentino de. *Entre o lingüístico e o social*: complementos dativos de 2ª pessoa em cartas cariocas (1880 – 1980). Dissertação (Mestrado em Letras Vernáculas). Faculdade de Letras, Universidade Federal do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, 2014.
- OLIVEIRA E SILVA, G. M. de. *Estudo da regularidade na variação dos possessivos no Português do Rio de Janeiro*. Tese (Doutorado em Linguística). Faculdade de Letras, Universidade Federal do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, 1982.
- _____. Variação no sistema possessivo da terceira pessoa. *Tempo Brasileiro*, n. 78-79, p. 54-72, 1984.
- PERINI, Mário A. *Gramática do português brasileiro*. São Paulo: Parábola, 2010.
- _____. O surgimento do sistema possessivo do português coloquial: uma interpretação funcional. *DELTA*, v. 1, n. 1-2, p. 1-16, 1985.
- PAREDES SILVA, V. L. *Cartas cariocas*: a variação do sujeito na escrita informal. Tese (Doutorado em Linguística). Faculdade de Letras, Universidade Federal do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, 1988.
- PEREIRA, Rachel de Oliveira. *O tratamento em cartas amorosas e familiares da Família Penna*: um estudo diacrônico. Dissertação (Mestrado em Letras Vernáculas). Faculdade de Letras, Universidade Federal do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, 2012.
- RUMEU, Márcia C. de B. *Língua e Sociedade*: a história do pronome "Você" no português brasileiro. Rio de Janeiro: Ítaca, 2013.
- SCHERRE, Maria Marta Pereira; LUCCA, Nívia Naves Garcia; DIAS, Edilene Patrícia Andrade; MARTINS, Carolina Queiroz; GERMANO, Ferreira. *Usos dos pronomes você e tu no português brasileiro*. Comunicação apresentada no II SIMELP, Universidade de Évora, 2009.
- _____. (Ed.). *Padrões sociolingüísticos*. 2. ed. Rio de Janeiro: Tempo Brasileiro, 1998.
- _____. Estertores da forma seu na língua oral: resultados sociais. In: OLIVEIRA E SILVA, G. M. de.; _____. (Eds.). *Padrões sociolingüísticos*. 2. ed. Rio de Janeiro: Tempo Brasileiro, 1998. p. 297-307.
- SOUZA, Janaina Pedreira Fernandes. *Mapeando a entrada do você no quadro pronominal*: análise de cartas familiares dos séculos XIX-XX. Dissertação (Mestrado em Letras Vernáculas). Faculdade de Letras, Universidade Federal do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, 2012.
- TARALLO, F. *A pesquisa sociolingüística*. São Paulo: Ática, 1990.
- VARGAS, Amanda de Santana Campos. *Estratégias pronominais de indeterminação*: um estudo diacrônico. Dissertação (Mestrado em Letras Vernáculas). Faculdade de Letras, Universidade Federal do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, 2010.
- WEINREICH, Uriel; LABOV, William; HERZOG, Marvin. *Fundamentos empíricos para uma teoria da mudança lingüística*. São Paulo: Parábola, 2006 [1968].
- VIDAL, M. *Introducción a la pragmática*. Barcelona: Ariel, 2002.